

# A 'pajelança' no banco dos réus

Álvaro Muniz

O país simplesmente parou na última semana de janeiro para acompanhar o tratamento do cientista Augusto Ruschi que teria sido envenenado há 10 anos por um sapo amazônico: o dendrobata. Para o tratamento não foram convocados os mais renomados médicos do Brasil, mas, sim, o pajé do Alto Xingu: Sapaim, da tribo dos Kamaiurá, e Raoni, cacique dos Txucarramãe. Depois de quatro sessões de tratamento, no Parque da Cidade, no Rio de Janeiro, o naturalista apresentou sinais de melhora e, dias depois, confessou-se totalmente curado.

A cura de Augusto Ruschi através da "pajelança", como já era de se imaginar, motivou uma polêmica do tamanho do país. De um lado, houve uma corrida desenfreada nos quatro cantos do Brasil em busca da medicina popular, de outro, alguns setores da medicina clássica colocaram a boca no trombone classificando a cura do naturalista pelos pajés "como um espetáculo grotesco".

Em Vitória, o maior grito de protesto contra o fato foi dado pela Associação Médica do Espírito Santo (Ames), através do presidente, Luiz Alberto Tavares. Na sua opinião, a medicina popular, praticada por curandeiros e rezadeiras, serve de desafio ao sistema oficial (que dá cobertura à medicina científica), na medida em que este sistema não atinge determinadas parcelas da população.

"A procura por um ritual qualquer é feita numa tentativa de tratar uma possível doença incurável. Agora, a maneira como o caso do professor Ruschi foi colocado é que eu condeno: um cientista famoso, que tem uma doença que foi apanhada por um sapo, cujo diagnóstico não foi feito pela medicina acadêmica, convoca um pajé que o cura. A coisa colocada nestes termos para a população brasileira, numa época em que a quantidade de turistas é grande, não me parece correta", justifica Luiz Tavares sua posição contra a pajelança.

O presidente da Ames esclarece que cabe à Ames, como entidade que representa a classe médica, posicionar-se "frente à forma tão ridícula, e até mesmo gro-

A cura do naturalista capixaba Augusto Ruschi pelo cacique Raoni e pelo pajé Sapaim causou mais barulho nesse quente verão brasileiro do que a explosão da nave norte-americana Challenger. E a poeira ainda não baixou. Quem parece que está engolindo sapos até hoje são alguns setores da medicina clássica, que não aceitam "o espetáculo grotesco". O presidente da Associação Médica do Espírito Santo (Ames), Luiz Alberto Tavares, achou a pajelança "uma afronta aos médicos lúcidos e preparados dentro de universidades". Já o ex-presidente do Sindicato dos Médicos do Espírito Santo, Vitor Buaiz, discorda de seu colega de profissão, resumindo a tendência de sua análise em três palavras: "Bendita a pajelança". O folclorista Hermógenes Fonseca, por sua vez, utiliza experiências práticas de vida para mostrar a importância das ervas medicinais. A polêmica está criada e, pelo jeito, ninguém vai engolir sapos...

Como todo folclorista, Hermógenes Fonseca tem uma infinidade de histórias para contar sobre passagens de sua vida e dos outros. E as ervas medicinais sempre lhe acompanharam, desde da infância. Dizendo-se descendente de "bugre, dos últimos dos botocudos que foram dizimados", ele costuma lembrar que nasceu "lá onde o Judas perdeu a bota, naqueles cofundós, onde só havia floresta virgem e bichos ferozes". Para chegar à cidade mais próxima, a família tinha que fazer uma viagem de 12 horas de cavalo. Os vizinhos ficavam a quilômetros um do outro.

Quando as doenças chegavam, recorda-se o folclorista, o jeito era correr para o curandeiro mais próximo. O mais pro-

tesca, como foi colocado à população o tratamento alternativo procurado pelo naturalista Augusto Ruschi. Não podemos concordar que tais tratamentos alternativos sejam apresentados de forma tão antagônica e tão depreciativa à medicina embasada".

Continuando suas críticas, Luiz Tavares acha que fatos como este induzem pessoas menos esclarecidas a conclusões equivocadas e perigosas de repulsa à medicina científica, incentivando-as a práticas de curandeirismo. Ele também atira suas farpas em direção ao governo federal e à imprensa. O primeiro por ter apoiado a pajelança e a segunda por tê-la incentivado através do sensacionalismo.

Analisando o fato como foi apresentado pela imprensa (e sob a concordância do naturalista) tem-se a impressão imediata que um famoso cientista brasileiro, acometido por uma não se sabe qual doença, provocada por um sapo, se curou após ser tratado por um pajé. No ritual da pajelança foi-lhe retirado das entranhas um sapo, cuja presença foi testemunhada por todos. Mas que espetáculo mais grotesco? O que deverão ter pensado os estrangeiros que nos visitam nesta época?

Na opinião de Luiz Tavares, o naturalista, "ao incentivar a forma ridícula que demonstrou o seu tratamento à base da pajelança, desrespeitou o seu senso científico e a medicina praticada no país".

Segundo ele, os médicos não devem aceitar como significativo e importante "o tal ritual da pajelança". E o presidente da Ames, indignado com o acontecimento, vai ainda mais longe nas suas críticas:

— Que seja o ritual importante para eles, os índios. Mas que seja visto com reserva por todos nós; ao naturalista, como cientista que é; aos meios de comunicação, como profissionais diferenciados que são; a nós, médicos, lúcidos e preparados dentro das universidades como somos. Do

Foto de José A. Magnago



Tavares: "O que irão pensar os estrangeiros?"

tarará o caos cultural. Incentivaremos práticas até mesmo exorcistas e de ocultismo. Desmoralizaremos a medicina em favor das "fumaças milagreas de caciques e pajés", ironiza o médico.

## DISCORDANDO

O médico Vitor Buaiz, ex-presidente do Sindicato Médico do Espírito Santo e candidato à prefeitura de Vitória na eleição passada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), discorda totalmente do seu colega de profissão. E ele resume bem sua opinião numa única frase: "O que faria você, doutor, se fosse surpreendido por uma cirrose hepática e desenganado por seus próprios colegas?". A pergunta logicamente deverá ficar sem resposta na boca de muitos profissionais da medicina. Vitor Buaiz baseia sua opinião em várias comparações do dia-a-dia:

— Depois do sofrimento de Tancredo Neves no Instituto do Coração, cercado de toda a parafernália tecnológica, nada como uma pajelança para lavar a alma do brasileiro. Mais chegado ao cambôlé do que às filas do INPS, o povo acompanhou de perto o ritual de limpeza do corpo e do espírito do cientista capixaba Augusto Ruschi. Do mesmo jeito que se lavam as escadas do Bonfim em Salvador para afastar os maus espíritos, os pajés Raoni e Sapaim, dentro da humildade e da simplicidade que caracterizam os índios não-aculturados pela Funai, se propuseram a retirar do corpo de Ruschi o veneno do sapo dendrobata.

Segundo Vitor Buaiz, isto foi o suficiente para que a medicina clássica, sentindo-se ameaçada do alto de seu pedestal, levantasse a voz em coro, gritando aos quatro ventos: "abaixo o curandeirismo". Os questionamentos do médico vão ainda mais longe: "O que dizer então dos inúmeros charlatães — com diploma e tudo — espalhados por este país afora, dos balconistas de farmácias que prescrevem a torto e a direito, das empresas multinacionais que despejam no mercado do Terceiro Mundo drogas de efeitos duvidosos e, muitas vezes, deletérios, o que não dizer da propaganda indiscriminada de remédios e cigarros pela televisão".

Na sua análise crítica da própria pro-

fissão, Vitor Buaiz diz que "somos uma elite privilegiada que quer fazer uso da Ciência como forma de poder". Ele deixa claro que nós estamos enclausurados dentro de uma visão sectária de que só existe uma verdade. Vitor revela que nós desconhecemos mesmo a existência das dezenas de formas alternativas de terapia, muitas delas oriundas da milenar medicina oriental. "Quanto de nós ignoram os efeitos benéficos da homeopatia, da medicina natural e da alimentação equilibrada?", questiona ele.

Defendendo a pajelança, Vitor Buaiz completa com uma frase de efeito: "O pior cego é aquele que não quer ver". Para ele, a "bendita" a pajelança, teria aberto os olhos do mundo para um retorno às origens e à natureza, "que nos oferece gratuitamente todos os bens terrenos". Segundo Vitor, uma das características marcantes dos que se utilizam dos meios naturais para acabar com o sofrimento do próximo é a solidariedade fraterna, acrescida de um despojamento dos bens materiais.

## CONTRA-ATAQUE

Uma das pessoas que mais se irritou com as declarações do presidente da Ames foi o folclorista Hermógenes Fonseca, que faz um apanhado na história para mostrar que a medicina clássica tem sua origem exatamente do curandeirismo: — A medicina popular vem de longe, desde que o mundo é mundo. Os unguentos, os cataplasmas, os emplastros, os chás de erva, os vomitórios, tudo isso e muita coisa mais é praticada em todos os

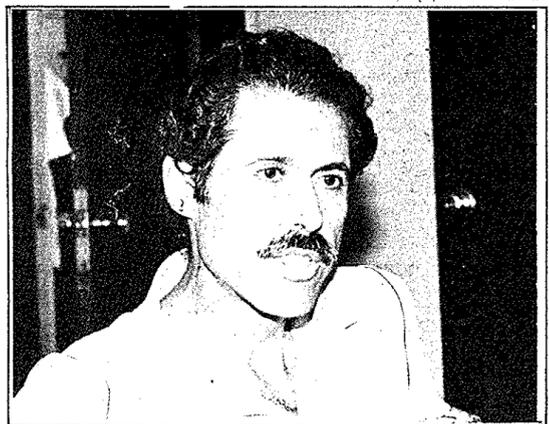
# Caderno Dois

curado era o Duca Tora. Os remédios, ao invés de saírem das prateleiras, eram retirados do fundo do quintal. Havia uma imensa variedade deles: as doenças estavam cercadas. O quitôco era usado para "enguiço de mulher"; erva-santa para as lombrigas; pico-preto para os rins; capeba ou pau-de-peroba para o fígado; colar de batuera de milho para tosse de cachorro em gente; ciporoba na cachapa para afinar o sangue; e nunca esquecer um dente de alho no bolso para espantar as cobras. Hermógenes confessa que até hoje lembra do gosto de alguns chás e de seus efeitos:

— Se você tomar um chá da gosma de entre-casca da catuaba é a mesma coisa de ter tomado uma injeção de cálcio na veia: sente o corpo todo quente e formigando. Dá para subir de costa na parede. Há ainda muitos casos para serem contados, mas só sentando num lugar fresco e despreocupado.

Um outro exemplo que Hermógenes dá para mostrar a importância das ervas medicinais vem de mais longe. Ele conta que na Universidade de São Paulo (USP), um grupo de professores de medicina, Bioquímica, Botânica e de outras áreas vem há tempos estudando as ervas. Ele revela que quem faz a pesquisa de campo é o folclorista Thereza Camargo, que depois de coletar o material o entrega aos estudiosos, que passam então a fazer um estudo sério sobre as ervas.

Foto de José A. Magnago



Buaiz: o povo é mais chegado ao cambôlé do que às filas do INPS

cantos. Tudo isso veio dos romanos e dos hebreus. Os médicos, portanto, surgiram dos curandeiros, sem conhecimentos científicos.

Hermógenes Fonseca crê fielmente na importância das ervas medicinais e acha que os folcloristas têm uma importância muito grande na interpretação científica. Ele dá um exemplo disso: "Quando o homem do campo diz que a madeira deve ser cortada no escuro (em determinadas fases da lua), porque, do contrário, ela apodrece rapidamente, ele está cheio de razão. A própria Botânica confirma isso, através de explicações técnicas. Resumindo: em tudo há uma explicação científica, em todas as áreas de conhecimento, quer seja nas ciências naturais quer nas sociais", analisa Hermógenes.

Assim como Hermógenes Fonseca e o médico Vitor Buaiz, muitas pessoas acham que o Brasil, um país de dimensões continentais e com uma flora riquíssima, não pode se entregar às multinacionais dos medicamentos, desprezando a cultura milenar dos índios. Mesmo porque, para a fabricação da grande maioria dos remédios industrializados são usadas as tão combatidas ervas e raízes como matéria-prima. Não se pode, também, deixar de lembrar de um diálogo apresentado por Milière na sua peça *Don Juan*, escrita em meados do século XVII: — A medicina, em geral, atribui à fatalidade a morte de um doente, quando não consegue curá-lo. Se ele fica curado, os méritos vão para o médico e seus remédios. Porque não pode ocorrer o contrário? O indivíduo ficar curado pela fatalidade ou por obra do destino?"

Foto de Gildo Loyola



Hermógenes: "A medicina clássica veio da popular, isto é, do curandeirismo"

contrário, e até mesmo dando salvos a Tupã, somente iremos confundir e equivocamos as pessoas menos cultas e pouco esclarecidas.

O interesse coletivo em relação à pajelança, que desviou para Raoni e Sapaim até o foco das agências de notícias internacionais, arrancou do presidente da Ames duras colocações, como esta: "Da forma como foi montada e exposta a grande farsa, vamos transformar os inúmeros curandeiros existentes no Brasil em autoridades científicas competentes". Aborrecido com o que foi o assunto do verão, Luiz Tavares chega a visualizar até mesmo um caos cultural no país:

"Indiscutivelmente os meios de comunicação devem ter grande responsabilidade cultural na informação e interpretação dos fatos. Do contrário, se ins-

"BAR, PISCINA, ESTÉTICA, SAUNA, SALÃO DE JOGOS, COFFEE SHOP, SALA DE TV, TUDO PRONTO FUNCIONANDO."

venha conhecer

PRINCE

APART HOTEL  
Rua Eurico Aguiar,  
P. do Canto

vendagens  
CONTATO MÓVEIS  
tel.: 227.1333